

**SER HISTORIADOR NO SÉCULO XIX. ENTRE DEBATES,
CRÍTICAS E POLÊMICAS: PEREIRA DA SILVA E SEU
PLUTARCO BRASILEIRO.**

**BEING A HISTORIAN IN THE 19TH CENTURY. BETWEEN
DEBATES, CRITICISMS AND POLEMICS: PEREIRA DA SILVA
AND HIS *BRAZILIAN PLUTARCH*.**

Rafael Terra DALL'AGNOL¹

Resumo

Este estudo tem como objetivo analisar alguns dos debates públicos em que esteve presente a figura do historiador João Manuel Pereira da Silva. Após a publicação de *Plutarco Brasileiro*, em 1847, o escritor coloca no epílogo do segundo volume da obra algumas das críticas endereçadas ao livro. A partir dos artigos que apareceram em alguns periódicos na imprensa, sobretudo a carioca, pode-se analisar a dimensão pública da obra historiográfica no início do século XIX e, por meio dela, a dimensão ética do historiador, responsável por dizer a verdade sem manipulações ou falsificações em relação ao passado. Paralelamente a esse intento, utilizando como fonte os relatos produzidos acerca do trabalho de Pereira da Silva de forma mais ampla, pretende-se também demonstrar as discussões ocorridas sobre sua produção histórica, dando especial atenção a um debate sobre a origem paterna do poeta Basílio da Gama.

Palavras-Chave: História da historiografia; Historiografia brasileira; Século XIX.

Abstract

This study aims to analyze some of the public debates that were present the figure of the historian João Manuel Pereira da Silva. After the publication of *Brazilian Plutarch*, in 1847, the writer puts in the epilogue of the second volume of the work some of the criticisms addressed to the book. From the papers that appeared in some newspapers in the press, especially the carioca, it can be analyzed the public dimension of historiographical work in the beginning of the 19th century, and through it, the ethical dimension of the historian, responsible for telling the truth without manipulation or falsification of the past. And parallel to this purpose, using as source the reports produced about Pereira da Silva's work, more broadly, we also intend to demonstrate the discussions related to his historical production, giving special attention to one debate on the paternal origin of the poet Basílio da Gama.

Keywords: History of historiography; Brazilian historiography; 19th century.

¹ Doutorando em História – Programa de Pós-graduação em História – UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Porto Alegre, RS – Brasil. E-mail: rhcprafael@hotmail.com.

Pereira da Silva visto si. Pereira da Silva visto por outros: debates em torno da figura do historiador no século XIXⁱ

“Tive sempre gosto pela história”² (SILVA 1864-68, p. 4). Essa frase, encontrada na introdução de *História da fundação do império brasileiro*, poderia, quem sabe, servir de lápide para o brasileiro Pereira da Silva. Não se trata de uma ilusão biográfica. Na verdade, ela apenas reforça que a extensa produção desse historiador poderia ser um indicativo do seu gosto e da sua disposição para a escrita da história.ⁱⁱ Carioca de Iguazu, filho dos comerciantes portugueses Miguel Joaquim Pereira da Silva e Joaquina Rosa de Jesus e Silva, o historiador viveu por cerca de oitenta anos, tendo nascido em 1817 e falecido, na França, em 1898. Ao lado da sua predileção pelas letras, Pereira da Silva teve muitas ocupações na vida política do Império brasileiro que o impediam de dedicar-se única e exclusivamente a sua paixão, embora sempre que podia reencontrava o prazer na leitura e escrita histórica, sobretudo “quando vinha o descanso, recuperavão o seu lugar as ocupações litterarias; sorria a Musa amiga e consoladora, attrahindo-me com suas meiguices e enfeitando-me com seus encantos” (SILVA, 1864-68, p. 5).

As ocupações políticas do historiador foram muitas. Sempre ao lado do Partido Conservador, foi um parlamentar destacado, tendo sido deputado provincial e senador, além de conselheiro titular do Império. A título de exemplo, das dezessete legislaturas do Segundo Reinado (1840-1889), Pereira da Silva apenas não se fez presente em seis delas. Poderá ter sido a sua grande amargura na vida pública a não nomeação como ministro. Jamais saberemos. Advogado, político, biógrafo, as facetas desse carioca de Iguazu são inúmeras, algo bem característico de boa parte dos letrados da época.

Ainda na introdução do livro que tinha como temática a fundação do Brasil império, começando por 1808 e finalizando com o reconhecimento formal da independência por Portugal, já no ano de 1825, Pereira da Silva busca dar provas da fidedignidade do seu trabalho com um método histórico aparentemente rigoroso em que não é poupada a pesquisa, a reflexão e a meditação, tudo em busca da depuração da verdade. Talvez ele já estivesse pressentido as críticas que acabariam por vir. O aspecto

² Nas citações de época, mantive a grafia original.

importante é que na introdução de poucas páginas de uma obra de sete volumes observa-se o escritor preocupado em assumir para o seu trabalho características vinculadas à história como disciplina científica:

Desde que me resolvi a pôr mãos nesta composição, não me poupei a fadigas para conseguir maiores esclarecimentos. *Pesquisei, estudei, meditei*, e comparei impressos e manuscritos, tradições orais e papéis de estado. *Esforcei-me por tirar a limpo a verdade*, separando-a do que pudesse obscurece-la. Com o andar dos tempos e o encontro de novos subsídios, haverá de certo que modificar e depurar ainda nesta história. Na actualidade porém, *julgo que a devo publicar como a senti, compreendi e imaginei*. É pelo menos um trabalho consciencioso, e como tal atrevo-me a dar-lhe publicidade (SILVA, 1864-68, p. 4-5, *grifos meus*).

A obra de grande fôlego produzida por Pereira da Silva, embora seu esforço por deixá-la mais próxima possível da verdade, não estaria isenta de erros. Muitas coisas ainda poderiam ser trazidas, como informações e documentos, que talvez invalidassem algumas afirmações contidas em *História da fundação do império brasileiro*. Por isso, a noção do trabalho como algo incompleto. O tempo seria um aliado. A partir dele e de novos subsídios, como escreve o autor, a história seria aperfeiçoada. Enquanto isso não acontecia, era necessária sua publicação. Na verdade, a sua própria publicação auxiliaria no seu melhoramento.

De que maneira, poder-se-ia questionar o autor, seria essa história? Será que somente haveria espaço para a vida de grandes personalidades? Quem sabe, nas mais de mil páginas, apenas estariam presentes as narrativas cujos momentos são marcados por grandes tomadas de decisões não havendo espaço para a irrelevância do cotidiano? Não é o que parece. A busca estava em “[...] por apanhar ao vivo a physionomia e condição do povo, e apreciar em seus justos termos a organização das classes diferentes que formavam o todo da associação que residia tanto na metropole como na colonia” (SILVA, 1864-1868, p. 5-6). E por fim, o historiador avisa:

Explicando com franqueza as minhas ideias, e chamando a atenção de quem ler para as dificuldades que necessariamente me havião de

encontrar no correr da empresa a que me propuz, resta-me esperar tranquillo a sua approvação para este novo escripto, tentado e realizado com a melhor boa fé, e inspirado apenas pela ambição de concorrer com uma pedra para a construcção do edificio da história do Brasil e de Portugal [...] (SILVA, 1864-1868, p. 8).

Na apresentação de alguém, para se tornar menos incompleta, também cabe espaço para que outras pessoas venham a falar ou a escrever, agora não mais na primeira pessoa, e sim, na terceira. Nesse sentido, algumas discordâncias podem ser verificadas. No ano de 1880, surge *Pantheon Fluminense. Esboços biográficos*, obra de Prezalindo Lery Santos (SANTOS, 1880). Seguindo uma das tônicas do XIX, isto é, a composição de dicionários biobibliográficos, nesse trabalho o autor retrata algumas personalidades nascidas no Rio de Janeiro. E dentre elas, encontra-se espaço para João Manuel Pereira da Silva. Santos reconhece a destacada biografia do historiador enquanto político e até mesmo sua capacidade oratória, mas sem deixar escapar uma pequena crítica a “certa exageração de pensamento”. Contudo, parece consenso, segundo o autor, ser nas tribunas de conferência o lugar em que Pereira da Silva mais se distingue. Após os elogios, chega-se ao momento em que o autor discorre sobre as suas obras. A crítica é severa e recai sobre a falta critério, frieza e imparcialidade, justamente aspectos que o historiador considerava ter atingido, conforme observado nas citações acima:

Como historiador o Sr. Pereira da Silva tem um grande defeito, o maior de todos, a falta de criterio com que escreve, aceitando como verdadeiros e cobrindo-os com a auctoridade do seu prestigio litterario factos que não se acham comprovados, e muitos dos quaes foram invenção das praças publicas em momento de agitações. Não póde o historiador aceitar levemente as falsas opiniões creadas pelas opposições em seu plano de desmoralisar o objecto dos seus ataques. É isto cousa que todos os dias observamos, e que sempre se dá e se repete, em todos os paizes e em todos os tempos (SANTOS, 1880, p. 488).

A seguir, ele escreve:

Principalmente como historiador do primeiro reinado, não soube o Sr. conselheiro Pereira da Silva guardar, ainda agora no fim de tantos annos, a imparcialidade e a frieza de historiador diante de acontecimentos que se passaram em uma epocha de effervescencia politica, em que as paixões tudo cegavam. Recolhendo os boatos das ruas e conventiculos, colligindo as noticias adrede inventadas e preparadas pelos exaltados em seus planos revolucionarios, transmittindo á posteridade a falsa apreciação e os inexactos commentarios a que nenhum acto, por melhor que seja, póde escapar desde que a ma fé quizer adufteral-o, o Sr. conselheiro Pereira da Silva poz o seu bello talento a serviço de uma causa má e torna-se digno da mais severa censura, que não poucas vezes lhe cabe.

E não somente em relação ao Sr. D. Pedro I, em varias occasiões injustamente apreciado nesses trabalhos históricos, como em referencia a muitos personagens que figuraram nos acontecimentos d'aquella epocha, deixou ele de proceder com a devida cautela. Ninguém ignora, por exemplo, as contestações que provocou a sua obra sobre o *Segundo periodo do reinado do Sr. D. Pedro I* (SANTOS, 1880, pp. 488-89).

A longa citação acima é necessária devido às informações que ela traz. De fato, em 1871, *Segundo período do Reinado de D. Pedro I no Brasil: narrativa histórica* é publicado, três anos após o fim de *História da fundação do Império brasileiro*. Escrever sobre esse período requeria alguns cuidados e o tom da crítica (se houvesse) dirigida ao monarca da dinastia de Bragança deveria ser muito moderado para não desagradar seu filho. Com a divulgação da obra, muitas contestações também surgiram. Há uma particularidade que para Pereira da Silva o beneficiaria ao escrever sobre esse período: a distância. Ou seja, ele não estava nem muito longe nem muito perto cronologicamente dos acontecimentos que buscava retratar.

Armelle Enders (2010) trabalha o problema da legitimidade da história contemporânea durante a monarquia brasileira, não sem esquecer as implicações políticas disso. Depois da leitura de seu artigo, fica evidente as desvantagens e os riscos de se escrever sobre o primeiro reinado, ainda mais quando termos como “Revolução de abril” aparecem nas referências a 1831. A impugnação à obra feita por Conrado Jacob de Niemeyer reforça isso. No ano de 1872, as mais de duzentas páginas escritas por ele são destinadas a corrigir os erros atribuídos à Pereira da Silva no que se refere ao então comandante das armas e presidente da Comissão militar da província do Ceará durante 1824-1828.

Em outro dicionário biobibliográfico, Augusto Blake também escreve sobre Pereira da Silva (BLAKE, 1883-1902). Nessa obra, segundo as informações do autor, é possível saber o número de vendagens da primeira edição de *História da fundação do império brasileiro*, cerca de três mil. Blake reprisa a crítica já vista no trabalho de Santos, apesar de elogiar a formação política e o apreço do historiador pelo mundo letrado: “E' uma das pennas mais fecundas que o Brazil tem produzido, adquirindo para seu autor a mais alta e merecida reputação, tanto no paiz, como fora dele” (BLAKE, 1883-1902, p. 480). Por sua vez, Inocêncio Francisco da Silva, em seu *Diccionario bibliographico portuguez*, fará uma série de reparos sobre as *Notas para a Bibliographia brasileira* (SILVA, 1858-1927, p. 409-412). Mantendo um tom respeitoso, suas repreensões e correções relacionam-se a aspectos semelhantes daqueles apontados por Prezalindo Lery Santos:

Longe de mim a idéa de pretender nem remotamente offuscâr a valia e, mérito da obra, que sou o primeiro a reconhecer, e que já conta em seu abono tantos e tão abalisados testemunhos. Todavia, a justa veneração que por diversos títulos consagro ao.sr. dr. Pereira da Silva, não me impedirá de dizer, que muito desejaria que elle tivesse procedido com mais severo escrúpulo na verificação de alguns factos, e datas, que nem sempre estão de acordo com a verdade sabida (SILVA, p. 409).

A crítica mais severa sobre a obra de Pereira da Silva será encontrada décadas mais tarde. Na primeira metade do século XX, mais precisamente em 1916, é publicado o livro *História da Literatura Brasileira*, de autoria de José Veríssimo. Na introdução, datada de 4 de dezembro de 1912, o autor descreve de que maneira pensou e organizou seu livro. Para ele, “a literatura que se escreve no Brasil é já a expressão de um pensamento e sentimento que não se confundem com o português, e em forma que, apesar da comunidade da língua, não é mais inteiramente portuguesa” (VERÍSSIMO, 1954, p. 7). Com isso, a obra divide-se em duas partes: a primeira corresponde ao período colonial e a segunda ao nacional, havendo, entre ambas, um momento de transição ocupado pelos poetas mineiros indo até os primeiros românticos. No primeiro período do desenvolvimento da literatura brasileira, como é possível supor, insere-se

tudo aquilo que ainda não havia adquirido outra feição que a meramente portuguesa. Seria uma literatura de desenvolvimento e, conseqüentemente, de formação: “pois que desenvolvimento implica formação e vice-versa, é todo o período colonial da nossa literatura, porém, apenas de desenvolvimento em quantidade e extensão, e não de atributos que a diferenciasssem” (VERÍSSIMO, 1954, p. 13). Posteriormente, com o romantismo vê-se o surgimento de uma literatura nacionalista e, após a Independência, ainda mais patriótica. Contudo, o que chama a atenção, e relaciona-se de forma específica com Pereira da Silva, é a forma como José Veríssimo, já na penúltima página de sua introdução, caracteriza o historiador: “Pereira da Silva nenhuma confiança e pouca estima merece como historiador literário. Nunca investigou seriamente coisa alguma e está cheio de erros de fato e de apreciação já no seu tempo indesculpáveis” (VERÍSSIMO, 1954, p. 24).

Ora, José Veríssimo diz exatamente o contrário do que foi escrito na *História da Fundação do Império*. Sua crítica é severa e suas palavras duras - e logo na introdução. A importância de *História da Literatura*, dentro daquelas obras destinadas a historiar a literatura brasileira, é inegável. E isso acaba inevitavelmente nos conduzindo a uma leitura mais detalhada da obra na parte destinada ao historiador carioca.

A breve biografia e análise do historiador como escritor aparecem no décimo capítulo, intitulado *Os próceres do Romantismo* (VERÍSSIMO, 1954, pp. 179-201). Após Teixeira e Souza e antes de Varnhagen, pode-se dizer que Pereira da Silva ocupa uma posição não muito cômoda, pois está depois do autor de *O Filho do pescador*, considerado o primeiro romance escrito no Brasil, e precede aquele que escreveu a primeira história geral do país. O gosto para os estudos históricos desde a infância que Pereira da Silva dizia possuir, e que acabariam por transformá-lo em um dos escritores mais profícuos do século XIX, parece, para José Veríssimo, não ter refletido em uma escrita agradável, já que “é o tipo do amador, do diletante, em letras, escrevendo pelo gosto, acaso pela vaidade de escrever, sem no íntimo se lhe dar muito do que escreve e menos de como escreve” (VERÍSSIMO, 1954, p. 188). A analogia que o crítico faz soa até cômica:

Escrever era para ele um hábito, como que um vício elegante, qual jogar as armas ou montar a cavalo, um desporto agradável e distinto. Não lhe importava nem a têmpera das armas nem a qualidade do animal, o essencial para ele era jogá-las ou montá-lo. Assim a sua obra copiosa e volumosa, importante pelos assuntos, pouco vale pelo fundo e forma. *Historiador, escreveu história com pouco estudo, com quase nenhuma pesquisa, sem crítica nem escrúpulos de investigação demorada e paciente [...]* (IBIDEM, grifo meu).

Veríssimo, porém, reconhece o esforço do historiador, tendo escrito sistematicamente por tanto tempo. Além disso, há uma particularidade em Pereira da Silva. Ele foi o autor do primeiro romance de ficção histórica no Brasil, chamado *Jerônimo Corte Real*, de 1839. Seguindo os passos de Walter Scott, o livro procura retratar a época em que viveu o poeta português do século dezesseis. Se para o autor de *História da fundação do império brasileiro*, havia a pretensão de nessa obra descer da chamada cúpula elevada, isto é, a história dos grandes homens, e ir ao encontro do mais humilde súdito da jovem nação imperial para traçar o perfil do “povo miúdo”, o que implica retratar um quadro fidedigno com a realidade observada e estudada, no que tange ao romance histórico o objetivo nem de perto foi alcançado. De acordo com José Veríssimo “os seus [romances] realmente não têm valia alguma como quadro das épocas que presumem pintar, nem qualidade de imaginação ou expressão que lhes atenuem seus defeitos” (VERÍSSIMO, 1954, p. 180).

Embora o autodeclarado gosto pela história desse carioca de Iguazu o tenha motivado a escrever proficuamente durante sua vida, como foi demonstrado, sua escrita e seus trabalhos não estiveram isentos de contestações, críticas e debates. A sua vida conturbada, por outro lado, também não o ajudava na busca do silêncio necessário para materializar seus pensamentos e suas ideias. Tornar público, em igual medida, o resultado de seus escritos é um desafio e um risco que Pereira da Silva esteve disposto a correr. Contudo, é inegável o sucesso de Pereira da Silva, pois quem mais, talvez, conseguiria vender em uma primeira tiragem mais de três mil exemplares de um livro de sete volumes sobre o período em que o país deixa de ser colônia e torna-se metrópole? O intuito de apresentar o historiador por meio de suas palavras e da de outros críticos não foi o de verificar quem possa vir a ter razão. O objetivo foi tão somente o de demonstrar a importância de alguém ainda muito pouco estudado, nem que seja ao

menos pelas polêmicas que suscita. Tendo conhecido, ainda que de maneira breve, João Manuel Pereira da Silva, agora é necessário partir para uma de suas obras de maior repercussão, isto é, o seu *Plutarco Brasileiro*.

A obra aberta: Plutarco Brasileiro entre elogios e polêmicas

No ano de 1847, a primeira parte de *Plutarco Brasileiro* chega ao conhecimento do público. Com a publicação do primeiro volume, alguns periódicos fizeram seus comentários com críticas e elogios. O autor, no final da segunda parte da obra, reserva um espaço para eles. Como Pereira da Silva, escreve no epílogo do livro: “Entendemos que será agradável aos leitores ver impressos no segundo volume alguns juízos criticos que escreveram os illustres redactores, que se dignaram de analysar a obra” (SILVA, 1847, p. 218, 2v). As vinte biografias feitas pelo escritor abrangem desde poetas, como Claudio Manuel da Costa e Thomás Antônio Gonzaga, historiadores, por exemplo, Alexandre de Gusmão, até religiosos, entre os quais temos José de Anchieta e frei Francisco de S. Carlos. A opção por adotar a forma biográfica aparece logo na introdução: “por lhe parecer que narrando a historia dos homens illustres do seu paiz conjunctamente com as dos grandes successos, que tiveram logar durante suas vidas, mais agradava a seus leitores, e mais folgas lhe dava á sua atenção” (SILVA, 1847, p. vii-viii). Isto é, havia a preocupação com seu público leitor. A obra deveria também ser agradável quando lida.

Historiador que escreve biografias ou biógrafo sem, no entanto, perder o compromisso com a crítica e lição históricas? Segundo artigo de 26 de fevereiro de 1847, do periódico *Mercantil*, Pereira da Silva prefere o título de biógrafo, pois “[...] uma collecção de *vidas braileiras illustres*, [...] deve por certo agradar a maior numero de leitores, do que uma historia completa do Brasil, escripta em estylo severo” (SILVA, 1847, p. 228-29, 2v). Além disso, esse conjunto de biografias de ilustres do país, “ornada com a galas da imaginação e da poesia” (IBIDEM, grifo meu) também é útil pelas lições que delas podem ser tiradas. É isso o que busca demonstrar o articulista do periódico *Mercantil* na continuação de seu artigo:

Além d'esta vantagem, que afiança maior vulgarização, uma seleção de biografias dos cidadãos mais notáveis tem seu fim particular e sua utilidade própria. Os grandes acontecimentos porque tem passado uma nação, as acções gloriosas de que justamente se ufana, resumidamente relatados e despidos de uma multidão de circunstancias insignificantes ou acessórias, gravam-se com mais facilidade na memoria: os nobres sentimentos, as virtudes, o valor, o genio, a sciencia, a gloria dos antepassados pintam-se ali como n'um espelho limpido e fiel; nada lhes vem escurecer o nativo esplendor, nada intercepta os seus brilhantes reflexos (SILVA, 1847, p. 229, 2v).

A opção pela biografia, enquanto gênero de escrita, aproximava-se da *historia magistra vitae* na tentativa de legar à posteridade os feitos dos homens do passado para serem passíveis de imitação no presente, o que caracteriza um espaço de experiência contínuo em que as três ordens de temporalidade – passado, presente e futuro – confundem-se através da exemplaridade, repetição e imitação. Essa parece ser a grande qualidade que a obra de Pereira da Silva, seu primeiro volume, teria alcançado. Em um momento no qual havia-se a preocupação com os rumos a serem tomados pela incipiente nação, a ênfase no aspecto pragmático de *Plutarco Brasileiro*, a sua utilidade, acaba se sobrepondo a outros fatores, tais como a preocupações com a pesquisa, o estudo, a escrita etc; fatores esses que, quando da publicação de *História da fundação do império brasileiro*, seriam realçados pelo próprio autor. Não que esses aspectos estivessem ausentes de uma crítica mais severa, como será visto a seguir, porém era necessário lembrar, talvez seja essa a intenção do articulista, o nobre serviço prestado por Pereira da Silva para o país:

O *Plutarco Brasileiro* é destinado a ser o mentor da mocidade, o guia da idade madura, o amigo da velhice. *A uns oferecerá uma fonte inexgotavel de úteis lições; a outros, um assumpto de meditações profundas, a todos um modelo por onde regulem o seu comportamento.* A estes servirá de poderoso estímulo; a esses, de consolação, áquelles de castigo. Aos bons cidadãos louvará o terem seguido o exemplo que lhes deixaram os antepassados; aos máos exprobrará o tempo e a honra perdidos no meio dos ruidosos prazeres do mundo, ou dos cálculos do egoísmo. Será o nosso companheiro inseparável de todos os dias e de todas as edades. A mãe o repetirá a seu filho, o mestre o fará decorar por seus alumnos; o varão o lera nas horas vagas; os velhos, sabendo de cór, tomarão gosto em experimentar a memória dos netos (SILVA, 1847, p. 229-30, 2v, *grifo meu*).

Contudo, *Plutarco Brasileiro* também foi alvo de críticas. A principal delas residia na falta de ordenação cronológica com que o autor compôs sua obra. Além do mais, Pereira da Silva deveria fugir dos riscos de produzir biografias caracterizadas pelos erros aos quais adverte outro crítico:

Hoje, para facilitar os estudos históricos, os escriptores tem-se dedicado ás biographias. [...] O indivíduo de que se escreve está, como diz Dunbar, no centro de um quadro com tal disposição de luz, que podemos conhecer sua marcha, actividade, influencia nos contemporaneos e o espirito de seu seculo. Não é porem assim que se escreve hoje a biographia. O estylo biographico de nossa epocha é vicioso, incapaz de dar conhecimentos politicos e historicos. Uma biographia de hoje é um panegyrico ou uma satyra, conforme as disposições benignas ou desfavoraveis do biographo (SILVA, 1847, p. 219-20, 2v).

Muito diferentemente teria escrito Plutarco a vida dos homens ilustres, tanto romanos quanto gregos:

Não foi assim que Plutarco de Cheronéa escreveu as vidas dos homens illustres gregos e romanos. Os costumes, os factos historicos, a chronologia, as ideias moraes e philosophicas da epocha, a influencia dos homens celebres, tudo isso Plutarco estudou e soube; de sorte que quando lemos uma das suas *Vidas*, parece que nos achamos no seculo que elle descreve, tão vivas são as suas cores e tão perfeito seu trabalho! (SILVA, 1847, p. 220, 2 v).

Parece evidente que Pereira da Silva, ao escolher o título de seu livro, conhecia os escritos de Plutarco. Talvez, quem sabe, o próprio autor pudesse se pensar como um *Plutarco*. Contudo, há diferenças consideráveis entre *Plutarco Brasileiro* e as *Vidas* do biógrafo de Querónia.

Como ressalta Hartog (2001), o sucesso de Plutarco não se restringiu somente ao mundo antigo. Em *Plutarque entre les anciens et les modernes*, o historiador faz um movimento de ida e de retorno aos antigos e modernos e analisa o impacto da obra do biógrafo. Ele tinha como grande objetivo e justificativa para a sua “empresa biográfica” produzir a imitação no leitor. Consequentemente, procedia por meio de um paralelismo, procedimento esse que encontra plena vinculação com o princípio da história como mestra da vida, escreve Hartog. Se em ambos, tanto para o carioca de Iguazu quanto

para o cidadão romano, havia a preocupação em tornar conhecidos os atos dos grandes homens do passado no presente, em Pereira da Silva não há uma distinção clara entre os pequenos e os grandes fatos, além da ausência do paralelo enquanto instrumento heurístico como um princípio de imitação.

A referência que Pereira da Silva faz a Plutarco mostra, entre outras coisas, que os modelos de escrita da história no Brasil oitocentista ainda eram bastante dependentes da cultura clássica. Por outro lado, a biografia, enquanto gênero de escrita, estava no Brasil oitocentista em processo de formação. Aqui a afirmação de Porto-Alegre faz-se de extrema pertinência:

O Plutarco Brasileiro é um momento triunfal; é uma obra de longo folego, que ganhará de dia em dia novas perfeições, novos toques de remate com o andar dos annos, com a colheita dos factos, com o engrandecimento do numero, e com a perfeição e a madureza que o tempo estampa em todos os trabalhos historicos. Este livro brindado ás lettras do paiz terá longa duração, e augura ao seu auctor uma nomeada duradoura, si elle durante a sua vida o for retocando, e ampliando como convêm: um erro estampado é um veneno que se lança á posteridade; é um ponto falso de projecção no perimetro da historia; e toda a humanidade é desviada da senda da verdade, logo que os idealistas ou historiadores falsificam os acontecimentos (SILVA, 1858, p. 9).

Porto-Alegre aponta para uma outra dimensão que *Plutarco Brasileiro* ajudava a reforçar, a ideia de uma obra aberta, que precisava passar por constantes retoques e aperfeiçoamentos para alcançar a verdade. Verdade essa que requer tempo. Para buscá-la era importante a continuação da pesquisa histórica. Crítica apurada e grande lição história seriam os dois requisitos encontrados ao longo das vinte biografias escritas por Pereira da Silva:

O *Plutarco Brasileiro* é um trabalho que honra a seu auctor. Tem os dous essenciais requisitos; *grande lição historica e critica apurada*. O Sr. Pereira da Silva não descreve simplesmente a vida *chronologica*, como diz Schlosser, dos Brasileiros celebres; descreve tambem a vida *intellectual* e os trabalhos litterarios e scientificos; julga-os depois comparando-os com os estrangeiros que se illustrarão em trabalhos correspondentes, e facilita por este modo á nossa mocidade o estudo comparado da litteratura brasileira (SILVA, 1847, p. 220, 2v, *grifo meu*).

Quando lidos em conjunto os artigos presentes no epílogo do livro, passa-se uma ideia de que a recepção, de maneira geral, teria sido muito positiva. As críticas estariam em segundo plano devido à predominância dos elogios destinados ao autor e sua obra. Não obstante, os artigos ali publicados foram selecionados por Pereira da Silva. Não se trata de duvidar da “honestidade intelectual” do historiador. Contudo, é inegável não pensar sobre quais critérios ele teria utilizado na seleção dos periódicos que se fazem presentes no segundo volume de seu trabalho. Não consta como um dos principais objetivos desse artigo fazer um levantamento detalhado da repercussão que a obra teve quando divulgada, mas apenas o de tentar demonstrar, nessa parte do trabalho, algumas discussões a respeito da escrita biográfica a partir do que estava sendo levado em consideração pelos articulistas ao se referirem a *Plutarco Brasileiro*. Com a repercussão que teve o livro uma nova edição foi publicada, não sem antes ser revista e aumentada, em 1858. Com o título de *Os varões illustres do Brazil durante os tempos coloniães*, o autor procurou, sobretudo, corrigir a cronologia da obra, ao estabelecer um plano que começa no século XVI até o XVIII. Nas palavras de Innocencio Silva tratava-se do “*Plutarco Brasileiro* refundido, augmentado e melhorado, por modo que parece um trabalho inteiramente novo”. Seu autor soube ouvir as críticas e “[...] não só dispoz as biographias segundo a ordem chronologica, que faltava na primeira edição, mas aperfeçoou mais a phrase, cortando pelo demasiado viço do estylo, conseguindo tornalo mais cerrado, e proprio do genero historico” (SILVA, 1858-1927, p. 408-09). Nessa segunda edição, encontra-se uma correção feita por Pereira da Silva sobre a origem paterna do poeta Basílio da Gama. Esse aspecto será analisado, de forma mais pormenorizada, a seguir.

Biografia e discussão historiográfica em Pereira da Silva: o caso Basílio da Gama e dimensão ética do historiador

Muitas vezes no Brasil oitocentista, a biografia constituía um *locus* privilegiado para que debates historiográficos ocorressem. Já foram ressaltados em outro momento os erros cometidos por Pereira da Silva em suas obras históricas. Em relação a sua escrita biográfica ocorre o mesmo. Encontramo-los na biografia sobre Basílio da Gama. O equívoco, chamemos assim, não diz respeito à nacionalidade do autor de *Uruguai*,

pois isso é esclarecido logo no primeiro parágrafo. Refere-se à origem paterna do biografado.

Quem fora seu pai? — D'onde procedera? Nem um biographo no-lo diz: ha quem affirme seu pai fallecido pouco tempo depois do seu nascimento, e descender elle de pobres certanejos, companheiros de João de Serqueira Affonso, grande copia dos quaes eram Portuguezes, que procuravam fortuna; assevera-se também que ficara o infeliz infante entregue aos cuidados de sua desgraçada mãe, que nem meios tinha de subsistência para si, quanto mais para crear e educar um filho! (SILVA, 1847, p. 138)

Pereira da Silva não cita suas fontes sobre esse aspecto, o que pode possibilitar o levantamento de dúvidas sobre a consistência de sua afirmação. O autor, porém, continua sua história.

O que parece certo é, que urn religioso Franciscano, passando casualmente por aquella villa em viagem , que trazia para o Rio de Janeiro, recebêra o infante, e em sua companhia o conduzira; que no Rio de Janeiro fora elle entregue á piedade do brigadeiro José Fernandes Pinto Alpoim, que o fez admittir no grêmio da Companhia de Jesus, á fim de cursar suas aulas, e de se applicar a estudos literários (SILVA, 1847, p. 138).

Com a publicação do primeiro volume, alguns periódicos da imprensa carioca se manifestaram conforme já visto. Porém não somente ela. Como adverte Pereira da Silva, no epílogo de *Plutarco Brasileiro*: “No fim d’esses artigos um aparece corrigindo erros, que o seu auctor julga encontrar na vida de José Basilio da Gama; fazemo-lo acompanhar da resposta que considerámos dever dirigir-lhe, e que se pode tambem tomar como agradecimento ao publico, pela benvolencia com que acolheu a nossa obra” (SILVA, 1847, p. 218, 2V). É interessante notar a abertura do biógrafo, resultando estar seu trabalho em constante processo de amadurecimento e correção. Mais uma vez a assertiva de Porto-Alegre se faz presente.

O debate ocorre na imprensa, acostumada desde muito às polêmicas, mais precisamente nas páginas do *Jornal do Commercio*. No dia 1º de julho de 1847, uma

carta é endereçada à sede do jornal. Assinada por *Um seu parente*, não é possível precisar o autor do texto. Logo no primeiro parágrafo, o assunto já é abordado. Por mais que considere *Plutarco Brasileiro* um excelente trabalho, o escritor julga-se no dever de corrigi-lo. Não com palavras, e sim, com documentos, pois, escreve ele, “[...] tenho de rogar-lhe a publicação no seu *Jornal* dos seguintes documentos, cujos originais, bem como outros muitos minuciosos e exactos [...], existem em meu poder e serão presentes ao Sr. Pereira da Silva, se por ventura me constar que deseja S. S. dar-se ao trabalho de os ler” (SILVA, 1847, p. 241, 2v). Não causa tanta indignação o desconhecimento da origem paterna de Basílio da Gama, mas sim a afirmação dele ter descendido de sertanejos pobres que buscavam fortuna e ter sido criado por uma mãe que não possuía os meios necessários para tal.

Datado de 1787, o documento escrito pela rainha atesta ser o capitão-mor Manuel da Costa Villas-Boas o pai do poeta, que seria casado com D. Quiteria Ignacia da Gama. Além do mais, também o autor da carta cita os nomes dos avós e bisavós de Basílio da Gama. Como conclusão, o tom empregado torna-se menos enfático e passa a ser conciliatório, deixando claro sua simpatia pelo historiador-biógrafo:

Outros talvez possam devidamente apreciar se foi o Sr. Pereira da Silva quiçá mais feliz a respeito das demais biographias que se contém na sua obra; pela minha parte, só me resta rogar a S. S., com que muito sympathiso, e de cujos talentos faço mui subido conceito, que não attribua a publicação d’estas linhas a qualquer outro motivo que não um tributo que julgou dever á memoria de José Basílio da Gama (SILVA, 1847, p. 244, 2v).

Um dia após a publicação da carta no *Jornal do Comércio*, Pereira da Silva envia sua resposta. Depois de louvar o procedimento do correspondente, o autor começa a escrever em sua defesa. Ele tem razão ao afirmar que a discórdia é relativa somente a um período da biografia do poeta e também está certo quando utiliza como argumento de autoridade Varnhagen para reforçar sua resposta. O historiador e diplomata brasileiro teria escrito um parágrafo, em um de seus trabalhos, relativo ao poeta, algo próximo do que Pereira da Silva afirmara em sua obra. A semelhança seria sobre o desconhecimento da origem paterna do poeta e da pobreza de sua mãe, embora Varnhagen não relate nada

sobre a descendência sertaneja de Basílio da Gama. O ponto principal da defesa, porém, é a evocação do trabalho empreendido como historiador, mesmo que as lacunas tenham permanecido.

Folhee para escrever o —PLUTARCO BRAZILEIRO— bastantes livros antigos e modernos, e copia mesmo de manuscriptos. Colhi o que havia n'elles. Não vi tudo o que existe impresso ou não impresso. Necessariamente me faltaram materiaes, e a prova encontro nos documentos manuscriptos a que se refere seu correspondente, e que inteiramente desconheço. Ficar-lhe-hei summamente agradecido se se dignar de m'os confiar, porque, a haverem erros ou inexactidões, procurarei emenda-los na nova edição que está reservada ao — PLUTARCO —, visto que tão bem foi recebido pelo publico, que poucos exemplares restam do seu primeiro volume (SILVA, 1847, p. 246, 2v).

O trabalho de pesquisa empreendido para a conclusão de *Plutarco Brasileiro* não é definitivo. Há limites com os quais Pereira da Silva se depara. Ele os reconhece. A obra está aberta e sujeita a modificações quando necessário. A tarefa proposta pelo cônego Barbosa, no discurso de inauguração do IHGB, precisa de tempo e constantes retoques.

Continuando a sua defesa, o outro argumento sustentado pelo historiador-biógrafo para não merecer “desapiedada censura” é buscado por meio da comparação com cenário francês, inglês e alemão. Lá, onde abundam documentos impressos e tudo se pode saber sobre os homens grandiosos, segundo o autor, erros e inexatidões também ocorrem. Thiers, Ebert, Clarke, Schelegel não estiveram isentos de equívocos, então no Brasil, cujo trabalho é redobrado para semelhante tarefa e “onde há falta quasi absoluta de materiaes acerca da historia e da litteratura, dada mesmo a hypothese de uma ou outra inexaclidão no — PLUTARCO— e que se pôde corrigir, não ha muita razão na sua censura rigorosa” (SILVA, 1847, p. 247, 2v). A defesa finaliza com a aceitação dos documentos que o correspondente dizia possuir, pois o objetivo era um só: servir ao país. Pereira da Silva recebeu os documentos. A prova de que os leitores dispõem refere-se ao texto acrescido quando da reedição da obra sob o nome de *Os varões illustres do Brazil durante os tempos coloniães*. Entre o parágrafo que pergunta sobre a

origem paterna do poeta e o que relata a sua estadia no colégio dos jesuítas encontra-se o que dá conta, por meio dos documentos adquiridos, da verdadeira origem de José Basílio da Gama. *Plutarco Brasileiro*, obra que pode ser classificada como uma história biográfica, tem o duplo de desafio de ser ao mesmo tempo biografia, pois descreve a vida de personalidades que foram importantes para o país, e história, já que, a partir delas, os acontecimentos sucedem-se. Tanto uma quanto outra deveriam passar por critérios relacionados à busca por veracidade como se pode observar no trecho do discurso feito em 1842, de autoria de José Fernandes Feliciano Pinheiro, visconde de São Leopoldo, durante a quarta sessão pública de aniversário do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro em que ele mostra a preocupação com a fidedignidade dos relatos biográficos.

Nosso Instituto, esmerilhando documentos, por incuria ou malícia escondidos, para coordenar o História do Brasil, depois afinados, como os metaes preciosos, no crisol da critica severa, e de receberem o cunho da autenticidade; traçando a biographia dos compatriotas famigerados, para não confundir com o diamante o crystal rocha, e de modo lapidal-o que brilhe, afim de n'esses exemplares espelharem-se os vindouros; aponta ao mesmo alvo, que é o timbre de uma das mais illustradas Academias da Europa, em quanto reputa – vãa a gloria que não leva em fito o util - por esta traça tende para o aperfeiçoamento dos costumes e da civilisação, e o signal caracteristico do progresso manifesta-se antes pela conscienciosa observancia das virtudes sociaes, do que pelas artes e talentos (PINHEIRO, 1842, pp. 2-3, suplemento)

Assim como a autenticidade necessária para coordenar a história precisava passar por uma crítica severa, a biografia precisava ser traçada com exatidão. Duplo desafio, como já assinalado, para Pereira da Silva com seu *Plutarco Brasileiro*. Ele escreve vidas e narra a história. Mesmo correspondendo a modalidades discursivas distintas, o “regime de veracidade” se impõe a ambas e, nessa intrincada relação entre biografia e história no Brasil oitocentista, pode-se concordar com Maria da Glória de Oliveira quando afirma que “a aposta biográfica dos nossos letrados adequou-se às injunções da disciplina histórica tal como esta foi concebida e praticada no Brasil do século XIX” (OLIVEIRA, 2011, p. 82).

É entre uma obra biográfica e histórica que *Plutarco Brasileiro* se encontra. Pereira da Silva oscila entre ser biógrafo e historiador, vai de um lado ao outro, de uma extremidade a outra na execução de seu trabalho. A partir disso, ele reforça a existência do que se pode designar aqui como uma ideia de história que encontra na escrita de uma vida a melhor maneira para se materializar. Ele parte do indivíduo, o princípio orientador e ordenador da sua narrativa, e termina por pintar quadros de épocas pretéritas.

Tendo em vista o breve trajeto percorrido nessas páginas, partindo do historiador e chegando até seu trabalho pode-se perceber a importância do seu papel durante as primeiras décadas do século XIX. O que mais se buscou reforçar aqui foi a dimensão pública do seu trabalho. Não isento de críticas e contestações, Pereira da Silva tinha uma dupla demanda que dizia respeito a uma mesma questão. Dupla, pois parte dele mesmo e também do público leitor, incluindo críticos e outros letrados do período. Tal demanda referia-se à busca pela verdade, que sempre estaria vinculada à pesquisa histórica e à fidedignidade em relação aos fatos pretéritos ocorridos.

Referências:

ENDERS, Armelle. “João Pereira da Silva, Francisco Adolfo Varnhagen et lês malheurs de l’histoire moderne du Brésil”. *Revista de História (RH)*, edição especial – 1º de semestre de 2010 – antigos, modernos e selvagens, pp. 115-129.

HARTOG, François. Plutarque entre les anciens ET les modernes. In: *PLUTARQUE. Vies parallèles*. Paris: Gallimard, 2001, pp. 9-49.

OLIVEIRA, Maria da Glória de. *Escrever vidas, narrar a história: a biografia como problema historiográfico no Brasil oitocentista*. RJ: Editora FGV, 2011.

_____. “Biografia e *historia magistra vitae*: sobre a exemplaridade das vidas ilustres no Brasil oitocentista” *Anos 90*: Porto Alegre, v. 22, n. 42, p. 273-294, dez. 2015.

SANTOS, Prezalindo Lery. *Pantheon Fluminense. Esboços biographicos*. Rio de Janeiro: Tip. G. Leuzinger & Filhos, 1880.

SILVA, João Manuel Pereira da. *Plutarco Brasileiro*. Rio de Janeiro: Em Casa dos Editores Eduardo e Henrique Laemmert, 1847. 2 v.

_____. *Os varões illustres do Brazil durante os tempos coloniães*. Pariz : Livraria de A. Franck..., : Livraria de Guillaumin..., 1858. 2 v.

VERÍSSIMO, José. *História da Literatura Brasileira: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908)*. Rio de Janeiro: José Olympio Editôra, 1954.

Notas :

ⁱ Esse trabalho faz parte da minha dissertação de Mestrado, defendida em março de 2017.

ⁱⁱAs obras de Pereira da Silva abrangem um campo variado de estilos desde o romance, a crônica, as antologias, até seus trabalhos propriamente de história, dos quais cabem ressaltar: *História da fundação do império brasileiro*, 7 vol., escrito entre 1864-1868; *Segundo período do Reinado de D. Pedro I no Brasil: narrativa histórica*, de 1871 e *História do Brasil de 1831 a 1840*, de 1879.